
Nota:

Recorte do Jornal Diário do Povo

Matéria publicada na edição de 17 de Setembro de 1971

Fonte: Museu de Arte Contemporânea de Campinas



Muita arte conceitual no Salão Contemporâneo

O 7.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, que terá sua inauguração no próximo dia 2 de outubro, às 20 horas, preluído de um coquetel aos premiados e personalidades presentes, é todo baseado em arte conceitual.

Esta mostra, que será aberta ao público campineiro e da região, este ano está muito superior à do ano passado, na tentativa de uma comunicação muito mais real e intensa do artista plástico para com o grande público.

Com cores predominantemente vivas, o Salão de Arte Contemporâneo tem tudo para agradar desta feita. Os artistas plásticos que para lá enviaram suas obras tentaram e conseguiram uma integração mais honesta e perfeita do que do ano passado, quando as obras apresentadas pouco significavam em comunicação para um grande público. Talvez aos críticos, que ano passado estiveram por aqui, o que foi apresentado poderia ter sido chamado de arte. Mas ao grande público não convenceu.

Este ano, entretanto, as razões foram outras, e a premiação surgiu dentro de um contexto muito válido e expressivo.

E assim a comissão de críticos e artistas plásticos deram suas notas, dividindo as obras em adquiridas e referência especial.

OBRAS ADQUIRIDAS

A Comissão Julgadora do Salão deste ano adquiriu obras dos seguintes artistas:

Antônio Lizarraga (São Paulo), Bernardo Caro (Campinas), Cybele Varela (Petrópolis), Edgard Pagano (Ribeirão Preto), Ismael Assumpção (Santo André), Marlília Kranz (Rio de Janeiro), Maria Luísa Fávero (São Paulo), Odair Magalhães (Guarulhos) e Sérgio de Paula (Belo Horizonte).

Concedeu também uma referência especial aos seguintes artistas:

Enéias Dedeca (Campinas), Gerty Sarué (São Paulo), Geraldo Jurgensen (Campinas), grupo Isay Weinfeld e Márcio Kogan (São Paulo), Inácio Rodrigues (Rio de Janeiro), Jaime Yesquenluritta (São Paulo), João Moisés (Campinas), Paulo Gomes Garcez (Rio de Janeiro), Reynaldo Bianchi

Neto (Campinas), Sulamita Marenes (São Paulo) e Sylvia Schlossinger (São Paulo).

OS DEMAIS PARTICIPANTES

Os artistas selecionados para participarem do 7.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas foram os seguintes:

Alex Vallauri (São Paulo), Alfredo Caetano (São Paulo), Antônio Oliveira Lino (São Paulo), Alcirdes José Pereira (São Paulo), Adélia Fingeremann (São Paulo), Antônio Lizarraga (São Paulo), Beatriz Unikowsk (Porto Alegre), Benedito Rigatti (São Paulo), Bernardo Caro (Campinas), Carlos Lemos (São Paulo), Cybele Varela (Petrópolis), Celso de Sales Guerra (Ribeirão Preto), Carlos Enrique Lacerda (São Paulo), Cassiano Pereira Nunes (São Paulo), Carmo Vaz (São Paulo), Delvo Paiva (São Paulo), Dora (São Paulo), Décio Duarte Ambrósio (São Paulo), Edgard Pagano (Ribeirão Preto), Eric (Campinas), Emilio Jaime (São Paulo), Enéias Dedeca (Campinas), Francisco Bionjone (Campinas), Fernando Souza Lisboa (São Paulo), Fernando Antônio Leme (São Paulo), Grupentres (São Paulo), Gilka Vianna (Rio), grupo Isay Weinfeld e Márcio Kogan (São Paulo), Gilberto Pereira (São Paulo), Geraldo Jurgensen (Campinas), Gerty Sarué (São Paulo), Helena Caminha (São Paulo), Helene Godoy (Goiânia), Hanna Brandt (São Paulo), Hélio Deslandes (São Paulo), Hilda Félix (São Paulo), Inácio Rodrigues (Rio), Ismael Assumpção (Santo André), Ismael, Odair, Tamiko (São Paulo), Irene Buarque de Gusmão (São Paulo), Judith Zoninsein (Niterói), José Fassoni (São Paulo), Jorge Izar (São Paulo), José Mazzarino (Itapetininga), João Moretti Bueno (Campinas), Jose Gabriel Borba Filho (São Paulo), José Mário Arruda Toledo (Campinas), Jaime Yesquenluritta (São Paulo), Laerte Araújo (Goiânia), Leonardo W. Goldvas (Rio), Luiz Alberto M. Pelegrino (Belo Horizonte), Luiz Eduardo Fonseca (Belo Horizonte), Maria Helena Metzger (Campinas), Mauro de A. Souza Neto (Belo Horizonte), Marisa Poyares



Reynaldo Bianchi Netto obteve expressiva classificação.

(Rio), Maria Olímpia Vassão (São Paulo), Marlília Kranz (Rio), Maurício Soares Carneiro (Alibáia), Maria Esmeralda e João Batista Dematté (Campinas), Márcia Barrozo Amaral (Rio), Maria Luísa Fávero (São Paulo), Maria Fernanda Machado (Rio), Massayosi Ogasawara (São Paulo), Mari Yoshimoto (São Paulo), Maria Aparecida Bueno de Mello (Campinas), Mário Cravo Neto (Salvador), Noélia de Paula (Rio), Nelly Gutnacher (Rio), Nicola D'Arico (São Paulo), Norberto Stori (São Paulo), Odair Magalhães (Guarulhos), Puppet Weckx (Itapetininga da Serra), Pavel Kudis (São Paulo), Paulo Gomes Garcez (Rio), Paulo Ortiz Houeysk (Santa Maria), Regis Machado Silva (Taubaté), Romildo Paiva (São Paulo), Ruth Leite Ferreira (Curitiba), Regina Váutica Franco (São Paulo), Paul Porto (Campinas), Reynaldo Bianchi Netto (Campinas), Sylvia Schlossinger

(São Paulo), Sebastião Maria Netto (Campinas), Sérgio de Paula (Belo Horizonte), Suzana Fagundes Lima (Campinas), Sulamita Marenes (São Paulo), Thomaz Pereira (Campinas), Tamiko Yamada (São Paulo), Ursula Hamburger (São Paulo), Valdir da Costa Alves (Rio), Vitorina Sagboni Teixeira (Curitiba), Vanda Pinheiro Dias (Goiânia), Vinício Horta (Rio), Vera M. de Barros Ferraz (São Paulo), Valdir Sarubi de Medeiros (São Paulo), Vera Chaves Barcelo (Porto Alegre), Virginia Silva Ramos (Rio) e Zama (Rio).

O GRANDE ARTISTA

Reynaldo Bianchi Netto, foi um dos campineiros que concorreu no salão deste ano, obtendo referência especial em sua obra apresentada de muito significância histórica e consistência. Três obras consecutivas que no todo formam um só sentido. O primeiro quadro denomina-se «Cadeias», Na síntese do que preten-

de ele usou as cores preta, verde e azul.

— Quando idealizei o meu trabalho pensei na figura de Castro Alves. Assim esta primeira parte que são as cadeias, lembram as correntes que os negros usavam obrigatoriamente por parte dos feitores. O preto: questão do racismo, o verde a esperança, o azul sempre a esperança na liberdade.

E Reynaldo vai mais além em sua elaboração artística. Na continuação da obra, construiu as «Cangas». Uma lembrança dos escravos. No movimento apresentado, usou as cores laranja, vermelho e amarelo. Laranja, como sofrimento, vermelho, angústia e amarelo o desespero.

— Por fim estruturei a liberdade, em três tons de azul em forma de círculos, distorcidos, sintentizando a ave da paz.

— Para mim, ter recebido a referência especial é a mesma coisa do que aquisição. Se bem, que honestamente, para mim, este ano, até que foi bom. E a razão é muito simples. Para novembro, estou programando uma exposição individual para qual já tenho cerca de dezesseis peças.

— Outra grande satisfação, é ter obtido também a referência especial no salão de Piracicaba com «Módulo».

— Para o artista o importante não é obter prêmios. É participar dos encontros de arte e entregar alguma coisa de seu de muito pessoal.

— Vencer ou perder não importa. É claro que o que vale não é o sentido comercial do negócio. Entendo como real a comunicação verdadeira sem mistificação...

— O artista tem que ser ele mesmo. Mostrar o que sabe e o que sente. Ser autêntico e pessoal.

E nestes conceitos muito próprios de artista que não tem pressa de chegar ao ápice, Reynaldo vai construindo. Com calma e ponderação.

E o essencial Sem medo de errar.